

Deptº de Antropologia - FFCH - UFBA.,
Coordenação do Projeto de Pesquisa sobre as Populações Indígenas
do Estado da Bahia e convênio FUNAI - UFPA.
"Semana do Índio" - 16 - 20 de abril de 1979.

Um apanhado histórico da política indigenista brasileira

No início do século, uma onda de violência e conflitos inter-raciais envolveu as regiões meridionais do Brasil - índios e colonos disputavam espaços econômicos ao longo das novas áreas abertas à exploração. Os Índios Botocudos, localizados na área de floresta ao sul do Rio Doce e no Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, resistiram à invasão do seu território tribal enquanto lhe foi possível, reduzidos a pequenos grupos, "obrigados a perambular continuamente pelas matas, porque onde quer que se estabelecessem por um período mais longo acabavam sendo descobertos e atacados".

Nesse trabalho de competição eram utilizados pelos "civilizados" outros grupos indígenas, como os Maxakali que viviam originalmente entre os rios J quitinhonha e São Mateus e que nos primeiros anos deste século defrontavam-se com a invasão de suas terras. Muitas vezes a sua expulsão das terras ocorria com a inutilização destas para a lavoura, induzidos que eram a derrubar as matas para plantio de roçados, após a colheita semeados de capim, o que impossibilitava a recomposição da vegetação, e afastavam a caça.

Em São Paulo, o café transformado numa lavoura de exportação, vai provocar o deslocamento das populações concentradas no seu plantio crescentemente à procura de novas metas virgens, em face das técnicas decultivo utilizadas, expondo a terra à erosão, e a sua substituição por pastagens. Na dependência da existência de metas virgens, exige uma fronteira em expansão, o que implicará em ataques contra os índios Kaingang que aí permanecem, acarretando ao mesmo tempo a contração da malária, febre amarela e outras doenças afins. Os trabalhadores de estradas encarregados do trabalho de levantamento da área, portavam armamento e munições para afastar os índios que se interpusessem no seu caminho. "Nesse ambiente de terrore surgiram chefetes especializados em chacinar índios.

Organizavam publicamente os bandos de bugreiros, planejavam seus ataques depois de aliciar os carabineiros e percorrer todas as fazendas vizinhas e o comércio argariando donativos em dinheiro, mantimentos e munições. Tinham o cuidado de organizar as batidas sempre nos meses de chuva, porque nessa época os índios raramente se afastavam da aldeia para caçadas e pescarias coletivas, permitindo, assim, um extermínio mais completo" (Ribeiro, 1977:104).

Nos Estados do Paraná e Santa Catarina os Mokleng que viviam em ricas áreas de pinheirais, viram-se no início (meados século passado) competindo com colonos alemães, italianos e eslavos trazidos ao Brasil por iniciativa governamental, ou de empresas particulares; e posteriormente com guarnições militares, encarregados de expulsar os índios poupando os colonos dos seus possíveis ataques. A utilização de bugreiros profissionalizados vai acossá-los na mata, numa situação de completa impunidade.

Na Amazônia, os índios tinham as suas aldeias assaltadas, incendiadas e seus grupos utilizados como mão-de-obra para o grupo de caucheiros, boloteiros e seringueiros, motivados pela crescente importância no mercado internacional (do látex coagulado de certas plantas) da borracha. Sua exploração provocou desorganização dos diversos grupos domésticos indígenas, na medida em que mulheres e crianças eram sequestrados e os homens tornavam-se presas fáceis dos bandos invasores, colaborando na descoberta e exploração de novos cachais. Escasseando estes, a onde invasores dirige-se para as terras baixas do vale, engajando-se na exploração dos seringais, e garantiam o seu escoamento pelos inúmeros canais e rios. A forma de extração do látex, reduzindo o número de safras, exigia o deslocamento contínuo dos extratores frente um processo de violentação das populações e dos espaços econômicos, atingindo desde as zonas baixas do rio Amazonas e avançando até a região que viria constituir o do Acre.

O tipo de frente de expansão que agiu sobre tais populações - frente extravista - ocupando os termos provisoriamente, dissociando as unidades familiares, pela dispersão dos homens e controle sobre as mulheres, a medida a que é composta principalmente de homem, pode ser considerada como de efeito extremamente destruidor

submetendo-as a uma relação de exploração.

O colapso da economia extrativa significou o não extermínio de todas as populações indígenas remanescentes da Amazônia, embora fosse a sua exploração substituída pela da castanha, copaíba e piaçaba, entre outros produtos florestais, desalojando mais uma vez aqueles agrupamentos que haviam se internado pelas matas, expulsos das terras baixas.

O sistema de barracão — a residência do patrão ou gerente com um armazém provido de aguardente, gêneros alimentícios, munições, medicamentos, sal etc. — e a figura dos regatões — traficantes que conduzem suas mercadorias num pequeno barco onde vivem estabelecendo trocas dos produtos florestais por aguardente, sal, fósforo, anzóis, e etc. mantenedores desse tipo de economia, podem ser visto como das mais negativas pressões a serem exercidas sobre os índios da Amazônia.

Os índios do Nordeste alcançados por frentes econômicas pastoris que estabeleceram os primeiros núcleos de povoamento nos sertões da Bahia e Pernambuco, disputava com o invasor europeu fundamentalmente a posse da terra, emprestando a liquidação da caça, componente básico da sua dieta alimentar. A sua resistência bastante rigorosa, não impediu que fossem submetidos emigrando, para locais mais afastados da costa, enquanto suas terras eram ocupadas pelos rebanhos. Aquelas grupos mais resistentes foram exterminados e os sobreviventes apresados como escravos para canaviais da costa ou reforçar as populações das missões religiosas, sendo nessa tarefa utilizados paulista, experimentados nas bandeiras e especialistas no preamento de índios. As missões jesuíticas, até anteriormente 1759 mantiveram-se como núcleo de proteção contra os colonos, sendo mais posteriormente à expulsão dos jesuítas promovendo as aldeias a Vilas e os índios considerados cidadãos livres, tal liberdade representando a possibilidade de exploração sem proteção.

Nestas condições, assimilados linguisticamente e conservando algumas práticas tribais sobreviveram alguns descendentes dos Potiguara (Baía da Traição - Paraíba), Xukuru (Serra de Cimbres - Pernambuco), Fulniô (Águas Belas - Pernambuco), Tuxá (Rodelas - ~~Bahia~~) e Xokó (Porto Real do Colégio - Alagoas); Wakom (Palmeira dos Índios - Alagoas), Pankarara (Pernambuco), Pan

Kararé (Brejo do Burgo - Bahia), Kariri (Mirandela - Bahia) e Kaimbé (Massacará - Bahia).

Também alcançados por frentes pastoris os Timbira, localizados nos campos do sul do Maranhão, originalmente distribuídos em quinze tribos, dos quais alcançaram o século XX apenas quatro. A invasão de seus campos teve início no 1º quartel do século XIX por bandeiras oficialmente organizadas, compostas de cem a duzentos homens, sendo os índios vendidos em leilão para o trabalho escravo nos algodoads da costa maranhense.

A paz com o invasor, obtida após longos anos, foi tão destruidora quanto fora a guerra, permeada de conflitos, contração de moléstias, como a bexiga e varíola que dizimaram grande contingente demográfico. No século XX, a agressão das frentes era tal que os grupos Timbira viam-se compelidos a deslocamentos contínuos, disputando aos fazendeiros a carne do boi, imposta à sua dieta alimentar pela escassez da caça.

No Brasil Central, os Akwê (Kerente), Xavante, Kayapó e Karajá tiveram que enfrentar além dos criadores de gado, as bandeiras e os garimpeiros que invadiam seus territórios em busca de ouro e diamantes, utilizando-se de métodos que iam da contaminação deliberada de bexiga até o envenenamento de aguadas com estricnina.

Os Bororo, localizados numa região de cerrados, campinas e florestas de galerias que originalmente estendiam-se do centro de M. Grosso a Bolívia, a oeste; Goiás, a leste; margens da região dos formadores do Xingu, ao norte, até o rio Miranda, ao sul, defrontaram-se com a exploração das minas de ouro pelos bandeirantes desde o século XVII, o que provocou a divisão da tribo em dois segmentos: um oriental e outro ocidental. Os ocidentais, localizados no território ocupado por garimpeiros, lavradores e criadores de gado, foram logo exterminados, enquanto os orientais, sob a direção dos missionários salesianos que se apossaram do seu território, transformando-os em agregados, produtores das roças da Missão e mão-de obra alugada aos fazendeiros vizinhos.

Ao sul do território Bororo, na região do Pantanal, viviam tribos com línguas diversas e marcadas diferenças nos seus sistemas sócio-culturais — canoeiros Guató e Payaguá; Mbayá-Guaikuru, bando seminômades de caçadores e coletores; e grupos de lavradores, como os Guaná. Os Guaikuru, mesmo anteriormente aos primeiros contatos com os brancos, exerciam dominação sobre outros

grupos caçadores e coletores com os brancos, ~~exercendo a dominação sobre Guaná, com~~ a dominação esta reforçada pela adoção do cavalo e sua utilização na caça e guerra, ampliando seu território de caça e coleta e constituindo o principal obstáculo para os colonizadores. O seu poder entretanto, foi crescentemente sendo reduzido pela diminuição de sua população, causada pela transmissão de doenças pelos civilizados e pela não utilização de suas duas principais formas de crescimento: o aprisionamento de crianças, e o aliciamento de adultos de outras tribos. Dominados pelo alcoolismo e fracionados em grupos dispersos pelos fazendeiros de criação os Mbayá-Guaikuru perderam o seu antigo poder. Apenas uma das divisões da tribo os kadiwéu, conservou relativa independência, tendo as suas terras desmarcadas, e frequentemente ameaças pelas pressões dos criadores de gado.

Por outro lado, os canoeiros Guató reduzido a poucas dezenas, vítimas de varíola e outras moléstias, continuam como pescadores nas lagoas e furos do alto Paraguai, enquanto os lavadores Guaná, livrando-se da dominação Ubayá, foram rapidamente submetidos pelo homem branco. A maior parte dos seus grupos perdeu as terras, sendo uns impelidos a trabalhar para os que deles se opuseram, e outros -- como os Terena -- a afastarem-se das terras mais férteis para terrenos áridos, suas aldeias sendo tomadas por negociantes de aguardente, sal e outros artigos.

Os Guarani tinham seu habitat nas outras que margeiam os afluentes do rio Paraná, território hoje compreendido pelo Sul do Mato Grosso, Oeste de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, demograficamente uma das mais extensas regiões ocupadas por grupos indígenas. Nessa área os jesuítas reuniu a maior parte dos índios que compunham as missões do Paraguai, organizando-os de uma forma coletivista, num elevado nível de desenvolvimento tecnológico. Com a expulsão dos jesuítas, os fazendeiros paraguaios opuseram-se de missões, ocorrendo -- divisão das tribos Guarani -- enquanto os Guarani modernos integram-se a população rural do Paraguai, os Kaiwás Guarani primitivos, fogem para os matos, retomando -- vida de lavadores e caçadores.

Uma frente extrativista de erva-mate explora economicamente a região utilizando índios Guarani como mão-de-obra mais facilmente aliciados por fazendeiros paraguaios que falava o Guarani. O tipo de trabalho então, vigente -- assalariado individual -- torna-se incompatível com a antiga coletividade tornando

inoperacional o sistema sócio-econômico e fazendo recrudescer as manifestações religiosas como tentativas de superação dos males provenientes do homem branco, através da busca da terra sem males, localizada no litoral atlântico.

Paralelamente a todo esse quadro de violência e desrespeito pelas populações indígenas, surge a figura da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de M. Grosso no Amazonas, posteriormente denominada Comissão Rondon, em reconhecimento aos inestimáveis empreendimentos de Cândido Mariano da Silva Rondon, que se encarregou de manter os primeiros contatos com populações indígenas da área, sob o lema "morrer se preciso for, matar nunca". Nesse trabalho conquista a confiança dos Paresi, Nambikuára, Rama-Rama e Arikén, formando uma equipe que dirigiria o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 1910. As diretrizes da política indigenista são fixadas, baseadas no princípio de "respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: aqueles que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente podiam mudar" e nos princípios de proteção ao índio em seu próprio território e proibição de desmembramento da família indígena.

À frente do SPI, Rondon põe em prática os princípios formulados, pacificando os grupos indígenas através de métodos persuasórios. Dentro de algum tempo porém, a política indigenista depara-se com pressões de ordem econômica exercidas por grupos poderosos, que tinham no índio a garantia de mão-de-obra e nas suas terras a possibilidade de viabilização de seus projetos. A equipe de Rondon passa a ser substituída por burocratas alheios aos problemas indígenas, situação provisoriamente rompida com a condução de José Maria da Gama Malcher à direção, assessorado por diversos etnólogos. Segue-se uma nova fase, marcada pela quebra da ideologia defendida por Rondon e a instalação de um quadro de corrupção e desrespeito às sociedades indígenas, prevalecendo as considerações de caráter econômico em detrimento daquelas humanitárias.

A criação da FUNAI em 1967 não vai significar, de modo geral, a redefinição da política indigenista, comprometida como se encontra com a ideologia desenvolvimentista da sociedade nacional. A nível dessa ideologia, os grupos indígenas, a maior parte das vezes tendem a ser encarados como obstáculos ao desenvolvimento, logo à expansão do sistema capitalista de base urbano-industrial. Dessa forma, os limites das suas Reservas são violentadas por grupos economicamente poderosos ou por pequenos agricultores - posseiros, vítimas também da ocupação-exploração crescente de novos espaços com grande potencial econômico, o que provoca o deslocamento contínuo

dessas populações, conduzindo-as a um processo de competição cujo móvel principal é a TERRA. Nesse sentido, ameaça-se a integridade territorial do Parque Nacional do Xingú, são a justificativa para se constituir "um exemplo típico de isolacionismo"; ameaça-se a integridade das populações indígenas, através da construção de estradas, via moléstias transmitidas pelos colonos, desagrega-se os sistemas sócio-culturais.

Uma reavaliação da política indigenista brasileira parece necessária na medida em que o órgão encarregado de sua execução distancia-se daqueles que constituem seus princípios básicos, entre eles:

1. respeito à pessoa do índio e às instituições e costumes tribais.
2. garantia à inalienabilidade e à posse de terras habitadas pelos índios e ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes.
3. preservação do equilíbrio biológico e ~~cultural do índio~~, no seu contato com a sociedade nacional.
4. resguardo à aculturação espontânea do índio de forma a ~~expressar~~ se sua evolução socio-econômica a salvo de mudanças bruscas.